

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Reprodução



O país segue dividido entre Lula e Bolsonaro

Lula versus Bolsonaro. O país se engalfinha nas redes

Com queda na popularidade, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convoca uma reunião ministerial. Faz cobranças a seus ministros, pede resultados. Mas gasta boa parte da sua fala para criticar seu antecessor, Jair Bolsonaro, a quem chama de "covardão". Tomando-se por base a temperatura das redes sociais, a insistência de Lula em falar de Bolsonaro, e vice-ver-

sa, não surpreende. Quase um ano e meio depois das eleições de 2022, a polarização parece mesmo mais acentuada. É o que mostra levantamento do Instituto Brasileiro para Regulamentação da Inteligência Artificial (Iria), em parceria com a plataforma de monitoramento virtual Zeeng, sob encomenda da CNN. O Correio Político teve acesso à íntegra da pesquisa.

Eleições

O levantamento mostra que, em vez de diminuir à medida que segue o governo Lula, a polarização se intensificou nos últimos meses. As movimentações dos grupos lulistas e bolsonaristas nas redes sociais no momento está em níveis muito próximos do momento eleitoral.

Golpe

O curioso é que a pesquisa mostra que quando Lula ataca Bolsonaro, de certa forma ele pode acabar contribuindo para o aumento do desempenho da bolha do seu adversário. A movimentação na bolha ganhou maior engajamento na linha de defender Bolsonaro.



Arquivo pessoal

Senise: atacada, a bolha bolsonarista se defende

Bolsonaro tem mais engajamento. Lula mais ativo

"É inegável que os maiores picos de crescimento da performance e engajamento nas redes sociais de Jair Bolsonaro estão intimamente ligados aos episódios em que a bolha bolsonarista foi ou se sentiu atacada", comenta o presidente do Iria, Marcelo Senise. Porque o levantamento aponta para uma vantagem de Bol-

sonaro na disputa virtual. Ele tem mais seguidores e maior engajamento do que Lula nas redes. Lula, porém, tem sido mais ativo que Bolsonaro. E ganha, por ser hoje o presidente, um volume maior de cobertura jornalística. No Facebook, Instagram e YouTube, Bolsonaro tem 47,2 milhões de seguidores. Lula tem 20,2 milhões.

Bolsonaro

De acordo com o levantamento, entre 1 de janeiro e 10 de março, Bolsonaro ganhou 254 mil seguidores. E Lula, em contrapartida, perdeu 38,8 mil. O que se observa é que cada novo fato descoberto nas investigações dos atos antidemocráticos cria uma forte rede de defesa.

Agendas

As postagens de Lula centram-se em agendas oficiais ou em momentos pessoais, como as fotos dos dias de descanso que tirou no início do ano na Restinga da Marambaia. Já as de Bolsonaro destacaram-se nas postagens sobre o ato que promoveu na Avenida Paulista.

Lula ativo

Mais forte certamente que a rede que faz ataques. Ataques que, na rede, não partem exatamente de Lula. O presidente é mais ativo que Bolsonaro. O levantamento mostra que os grupos de um lado e de outro fizeram no período 961 postagens. Lula foi o responsável por 66%.

Engajamento

Assim, há maior engajamento com as postagens de Bolsonaro. Seu pico foi no Instagram que teve 372,1 mil interações. A maior de Lula fica bem abaixo: 56 mil. "A performance bolsonarista superou a lulista", observa Senise.

Comunicação: ponto fraco revelado após reunião

Analistas apontam desafios para governo reverter popularidade

Ricardo Stuckert

Por Gabriela Gallo

Após uma queda na popularidade de seu governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se reuniu, nesta segunda-feira (18), com os ministros para discutirem estratégias para reverter o prejuízo. O encontro aconteceu no Palácio do Planalto. O ministro de Relações Exteriores, Mauro Vieira, não estava presente porque está viajando pela Palestina e demais países do Oriente Médio. O principal pedido do presidente é que os ministros se empenhem para cumprir as medidas anunciadas previamente e, principalmente, que elas sejam divulgadas de forma acessível para a população.

Na última sexta-feira (15), um levantamento da Quaest apontou que o atual governo Lula é avaliado negativamente por 34% dos entrevistados. Em dezembro, o índice era de 29%. Os principais motivos da queda são o aumento no preço dos alimentos, declarações de Lula a respeito da guerra entre Israel e o grupo Hamas em Gaza e das eleições venezuelanas, e falhas na área da segurança. Além disso, há uma avaliação de que o governo não consegue fazer acenos aos eleitores de centro e mais conservadores.

Na reunião de segunda, Lula reconheceu medidas positivas realizadas pelo governo federal. No entanto, destacou que elas ainda são insuficientes. "Todo mundo sabe também que ainda falta muito para a gente fazer. E muito não é nada estranho. É tudo aquilo que nós nos comprometemos a fazer durante a disputa eleitoral. E vocês percebem o quão pouco nós fizemos e, ao mesmo tempo, o quão muito nós fizemos", disse Lula.

Comunicação

O principal ponto criticado pelo presidente Lula são falhas na comunicação entre



Lula quer mais resultados dos ministros do seu governo

o governo e a população. Lula pediu um esforço conjunto de seus ministros para que tentem "traduzir" o que tem sido feito. Para o presidente, muitas vezes a população não entende que certa melhoria na sua vida é consequência de alguma ação do governo.

Ao Correio da Manhã, o cientista político Rócio Barreto reforçou a necessidade do governo em melhorar sua comunicação. "Hoje, o presidente Lula e o governo do presidente Lula está com uma comunicação fraquíssima. Ele tem perdido seguidores nas redes sociais, o que influencia bastante [a popularidade dele]. Fazer e mostrar de uma forma que as pessoas entendam é importante, não apenas fazer e não mostrar. Mas é necessário mostrar de uma forma que seja compreensível a todos", destacou Barreto.

Desafios

O professor de Ciência Política na Universidade do Distrito Federal (UDF) André Rosa, disse que o principal desafio do governo federal "é movimentar os palanques regionais para dar

uma base de sustentação maior para o Planalto, já visando às eleições de 2026".

"As eleições, principalmente para vereador, são primordiais para uma sobrevivência maior do PT em 2026", reiterou.

André Rosa também pontuou como desafios a regulamentação do IFood e dos aplicativos – já que parte da população teme que isso encareça os serviços –, a inflação dos alimentos, a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro após o evento de 25 de fevereiro na Avenida Paulista e as eleições nos Estados Unidos. "Tudo isso junto traz uma certa queda de popularidade", completou.

O cientista político Rócio Barreto ainda pontuou que "também há a necessidade de que o presidente Lula tenha um pouco mais de carisma ao comentar situações internacionais para que lhe deem a resposta de imediato". Ele se refere à fala de Lula sobre a guerra no Oriente Médio em que o presidente comparou a atuação de Israel com o Holocausto.

Religião

Aliados do presidente também apontam a falta de uma coordenação política a respeito do eleitorado evangélico. Durante seu discurso na reunião ministerial, Lula afirmou que a religião está sendo "manipulada de forma vil e baixa" no país. "Um país em que a religião não seja instrumentalizada como um instrumento político de um partido político ou de um governo. Que a fé seja exercitada na mais plena liberdade das pessoas que querem exercê-la. A gente não pode compreender a religião sendo manipulada da forma vil e baixa como está sendo neste país", declarou.

Na coletiva de imprensa após a reunião, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, foi questionado se a fala do presidente foi uma tentativa de se aproximar com o eleitorado evangélico. Rui Costa respondeu que o presidente "quer se aproximar do povo brasileiro e de todas as religiões".

"O que o presidente quer, como todos nós concordamos, é que a fé e a crença das pessoas não podem ser usadas em disputas políticas partidárias", afirmou o ministro.

Lula ataca Bolsonaro em reunião e reforça polarização

Geraldo Magela/Agência Senado

Por Gabriela Gallo

Durante a reunião ministerial nesta segunda-feira (18), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) teceu diversas críticas à antiga gestão e principalmente ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Em seu discurso no encontro, Lula citou os desdobramentos na operação da Polícia Federal (PF) que investigam o envolvimento do ex-presidente em uma tentativa de golpe de Estado para reverter o resultado eleitoral.

Na sexta-feira (15), o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes derrubou o sigilo dos depoimentos de militares e políticos envolvidos nas investigações. E os depoimentos daqueles que não usaram do direito de permanecer calados trouxeram Bolsonaro para o centro da narrativa, alegando que ele estava envolvido em todos os processos para derrubar o resultado das urnas de 2022. Os depoimentos apontam que foram elaborados dois documentos: um que decretava Estado de Sítio e outro que decretava Estado de Defesa para proporcionar uma intervenção no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O



Jorge Seif acusa fala de Lula de ser "cortina de fumaça"

caso segue em apuração.

"Se há três meses quando nós falávamos de golpe [de Estado] parecia insinuação, hoje nós temos certeza que esse país correu sério risco de ter um golpe em função das eleições de 2022", disse o presidente. "Quem tinha dúvida agora pode ter certeza de que por pouco a gente não voltou aos tempos tenebrosos neste país que as pessoas achavam que apenas com golpe, com a participação de alguns militares, poderiam ganhar o poder neste país. O povo foi

mais sábio, foi mais corajoso", ele completou.

Mirando nas críticas a seu principal opositor político, Lula ainda disse que o golpe não foi executado "porque o então presidente é um covardão".

"Ele [Bolsonaro] não teve coragem de executar aquilo que ele planejou. Ele ficou dentro de casa, aqui dentro do palácio, chorando quase um mês", acusou Lula.

Após o resultado das eleições presidenciais de 2022, Bolsonaro foi diagnosticado com erisipela, uma infecção na

pele que pode atingir a gordura do tecido celular. A infecção afeta diretamente a camada intermediária da pele (derme). O ex-presidente ficou semanas sem aparições públicas e recebia somente um grupo restrito de assessores e aliados no Palácio da Alvorada.

Em resposta, o deputado Evair de Melo (PP-ES), que acompanhou Bolsonaro durante parte do tratamento, classificou a fala de Lula como desrespeitosa e afirmou que Bolsonaro passou por dores intensas.

Oposição

Além de Evair de Melo, a fala de Lula gerou repercussão entre a oposição do governo, que saiu em defesa do ex-presidente. O senador Jorge Seif (PL-SC) acusou as falas de Lula como uma cortina de fumaça para desviar a atenção para os problemas do país. "A baixa popularidade de Lula e a má governança do país são desfocadas e maquiadas com ataques e narrativas que não encontram respaldo na realidade", criticou o senador. O senador Cleitinho (Republicanos-MG) classificou a declaração de Lula como desnecessária.